

+museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 24 - nov. 2021/maio 2022

Editorial

A natureza brinda-nos, nesta estação, com o início de um novo ciclo. A terra adapta o seu ritmo para renovar forças e receber as sementes que, se devidamente nutridas e acompanhadas pelos elementos, hão-de dar bom fruto. É neste tempo de reinícios que assinalamos o arranque de um novo ano letivo e, no caso do Museu Municipal de Palmela, o esperado regresso de um dos nossos públicos-alvo. Trata-se de um recomeço com elevado simbolismo, dada a forte expectativa de nos cumprimos como sociedade. Voltaremos a programar como antes da pandemia - sem negar a experiência por que passámos, as suas aprendizagens e impactos – e perspetivamos o futuro com cautela, mas sempre com optimismo.

É, pois, com confiança que partilhamos convosco mais um número do boletim +museu.

Nesta edição, convidamos a uma viagem por Palmela Medieval (séculos XII-XVI), a partir da síntese de uma investigação levada a cabo para uma tese de doutoramento. Falamos de economia doméstica a partir dos achados arqueológicos recolhidos no Baluarte Sul do Castelo de Palmela, no âmbito da “Intervenção de Natureza Estrutural para evitar derrocadas nas encostas do Castelo de Palmela”. Damos destaque à abertura do novo espaço Museológico do Município “A Estação”, inaugurado em junho deste ano, no Pinhal Novo, dedicado à temática ferroviária.

No seguimento da investigação que originou a maleta pedagógica dedicada a Hermenegildo Capelo, destacamos a sua faceta de cientista e a exploração à Serra do Gerês, em 1882, que visou o estudo da climatologia e da água.

As Ordens Militares são uma área de trabalho que privilegiamos, pelo que todos os anos dinamizamos iniciativas que visam divulgar e aprofundar a investigação realizada a nível nacional e internacional. Para além do 17.º Curso, realizámos, recentemente, o Colóquio “Recrutamento e Organização Militares na Península Ibérica”, em parceria com a Associação Ibérica de História Militar, de que damos conta neste boletim. O programa integrou, também, a entrega do prémio “Jovens Investigadores” e a VII Assembleia Geral da Associação, em que o Município se tornou associado coletivo.

Apresentamos, ainda, o balanço do trabalho realizado pelo Serviço Educativo no passado ano letivo, que atravessou várias fases, com diferentes níveis de resposta face às condicionantes, e damos particular atenção à parceria que temos consolidado, nos últimos meses, com a Associação Bengala Mágica, conscientes da importância de tornar este território cada vez mais inclusivo e solidário. Este trabalho tem-nos permitido implementar estratégias de integração de públicos com necessidades específicas, e as visitas que realizámos às Grutas Artificiais de Quinta do Anjo, em março, no âmbito do Arrábida Walking Festival, dedicado à Arqueologia, e às vinhas na Quinta da Invejosa, no âmbito das Jornadas Europeias do Património, em setembro, são exemplo do caminho que estamos a trilhar.

Boas leituras!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



Em investigação...

EM JEITO DE SÍNTESE...

PALMELA MEDIEVAL (SÉCULOS XII-XVI)

0. NOTA PRÉVIA

As linhas que se seguem pretendem sintetizar a investigação conduzida desde 2008 até 2016, culminando nas provas de Doutoramento realizadas nesse ano na NOVA FCSH.

Logicamente, e por estarmos perante um esforço de síntese, remetemos o leitor para os estudos completos, que poderão ser consultados online¹.

1. OBJECTO, CRONOLOGIA E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Durante cerca de 8 anos procurámos estudar o território de Palmela Medieval na perspectiva da longa duração, enquadrando a sua análise entre os anos de 1147, data da primeira conquista cristã de Palmela, e 1551, momento da incorporação do Mestrado da Ordem de Santiago na Coroa Portuguesa, tendo como consequência a tomada de posse do convento pela Coroa.

Para esta análise, concorreu a aplicação de uma metodologia prosopográfica, culminando na caracterização de um conjunto de cerca de 2000 indivíduos.



Carta Topographica Militar do Terreno da Península de Setúbal, 1813-1816 - imagem cedida pelo Instituto Geográfico Português.

2. OBJECTIVOS

O principal objectivo passou pela análise das relações institucionais ocorridas neste território, resultando dessa leitura a possibilidade de estudarmos o enquadramento social e institucional em Palmela, e também o seu reflexo na construção, gestão e interpretação do espaço em que esses mesmos poderes se moviam.

Esta opção permitiu-nos, pois, observar a organização da hierarquia local, partindo do topo para a base, discernindo-se nesta leitura processos de ascensão social. Do mesmo modo, da interacção entre as várias instituições foi possível entender os vários momentos da vida deste território, explicando, por vezes, o seu próprio desenvolvimento e/ou contracção.

Relativamente ao espaço, procurou-se caracterizar profundamente o seu alfoz rural e demonstrar que também em Palmela encontramos testemunho da imposição de um urbanismo religioso-militar: não pautado pelo traçado regular que encontramos em Sines, Setúbal, Tomar ou Évora, mas pela construção de uma igreja que reordena em seu redor todo o crescimento da vila baixa de Palmela, criando um novo núcleo de centralidade.

3. ENQUADRAMENTOS

Em termos geográficos e jurisdicionais, o papel geoestratégico de Palmela foi absolutamente crucial em alguns momentos da História Portuguesa, nomeadamente nos séculos XII-XIII, no contexto do avanço cristão rumo ao Algarve, constituindo Palmela um posto avançado quer de vanguarda da ofensiva quer de atalaia na defesa da retaguarda do futuro reino português. Semelhante papel teria mais tarde, durante as investidas castelhanas dos séculos XIV-XV, tomando sempre voz pelo monarca português.

Esta localização privilegiada num território que ocupava cerca de 2/3 da península de Setúbal, atestase na proliferação de vias de comunicação terrestres que ligavam o núcleo urbano ao seu alfoz, vias estas coadjuvadas pela possibilidade de navegação pelo canal da ribeira de Corva e do Livramento que desaguavam no Rio Sado. No exacto sentido, a ligação de Palmela ao mar, sobretudo junto do Outão e através do estuário do Sado e, até meados do século XIV, ao estuário do Tejo, conferiam a Palmela uma dinâmica comercial e económica considerável que tem, até hoje, sido esquecida pela historiografia.

Relativamente aos perímetros jurisdicionais, importa destacar dois momentos: um primeiro, definido em 1186, quando D. Afonso I doa Palmela à Ordem de Santiago, até meados do século XIV, quando essa dinâmica económica seria significativa, e outro, daí em diante, quando a ligação marítima e estuarina se dilui com a autonomização dos territórios a norte – nomeadamente o concelho do Ribatejo – e a sul da península, com a de Setúbal em 1343, constituindo o momento do declínio e da perda relativa de importância de Palmela face à vila sadina.

Em termos demográficos, os dados recolhidos até finais do século XV são poucos e advêm, sobretudo, da consideração da presença de igrejas, róis de besteiros, existência de tabeliães e de outros dados de índole indirecta. Só no século XVI ganhamos uma noção mais exacta da realidade demográfica em Palmela. Podemos considerar, também aqui, vários períodos. Um primeiro, até finais da década de 1520, onde os quantitativos

¹ https://www.academia.edu/13611509/Palmela_nos_Finais_da_Idade_m%C3%A9dia_Estudo_do_c%C3%B3dice_da_visita%C3%A7%C3%A3o_e_do_tombo_de_propriedades_da_Ordem_de_Santiago_de_1510

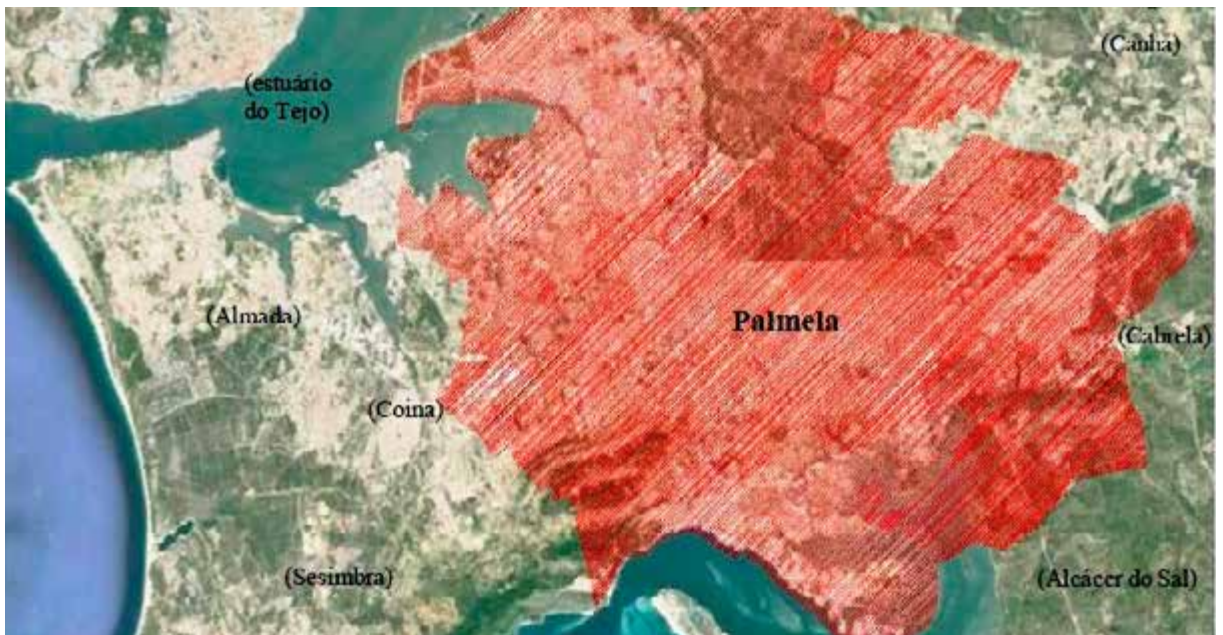
https://www.academia.edu/27111160/Palmela_o_esp%C3%A7o_e_as_gentes_s%C3%A9culos_XII_XVI

se mantêm mais ou menos estáveis, seguindo-se um segundo período de quebra acentuada da população em virtude de cataclismos sísmicos e de surtos pestíferos. Os dados que podemos ler para 1532 e 1534 são, a nosso ver, erróneos. É nossa convicção que o cômputo do Numeramento é anterior à quebra demográfica, sendo depois repetido na visitação da Ordem de Santiago. A informação dada pela visita da Ordem de 1552, mais completa e organizada, permite, pelo modelo quantitativo escolhido pelos oficiais da milícia, ter uma visão mais fidedigna da realidade demográfica.

4. CONJUNTURAS

Podemos considerar um primeiro período de enquadramento, respeitante aos dados pré-históricos, percorrendo até ao controlo cristão da praça em 1147. Neste, identificamos várias razões para o assentamento, na longa cronologia, de comunidades humanas neste território, nomeadamente fruto da sua localização estratégica e dos terrenos férteis, assumindo-se como uma verdadeira plataforma giratória com influência comercial, militar e mesmo religiosa.

O período de 1147 a 1218 é já o primeiro em que Palmela se encontra sob domínio cristão. Importa aqui perceber que a consolidação deste espaço por parte da Ordem de Santiago foi pautada por avanços e recuos, mercê das ofensivas bélicas almóadas (1184 e 1191), que arrasaram o território. Não obstante, datará de finais do século XII a instalação na alcáçova do castelo da primeira sede conventual da Ordem em Portugal. O controlo efectivo da península de Setúbal, a partir da praça-forte de Palmela, foi fundamental no avanço das forças cristãs para Sul, rumo ao bastião islâmico de Alcácer. A conquista (1217) desta praça alentejana e a conseqüente mudança do convento de Palmela para Alcácer representará o início de uma nova fase na vida de Palmela.



Manchas evolutivas do concelho de Palmela

Entre essa data e os finais do século XV, o território sofreu mutações físicas, sobretudo no seu castelo e na evolução do núcleo urbano, e também institucionais com uma autonomização face à Diocese de Lisboa, que passa de uma posição de supervisão para outra de mero receptáculo da terça eclesiástica. Devemos igualmente considerar fenómenos como o surgimento de outras casas religiosas, com destaque para os homens da pobre vida de Alferrara, que aí se instalam na década de 1380. Este período é também marcado pelo início da construção da nova casa conventual da Ordem, que perduraria, embora mais tarde e já noutros moldes, até à extinção da milícia no século XIX. Com construção iniciada, tudo indica, em 1443, terá sido inaugurada em 1482, pese embora consideremos que o edifício continuou a ser sistematicamente alvo de obras e de melhoramentos ao longo das décadas seguintes.

Entre o retorno do convento a Palmela e a incorporação do Mestrado na Coroa em 1551, este período representou uma época de recuperação económica e demográfica face a um século anterior de declínio – curiosamente, acabaria também por viver, circunstancialmente, o fenómeno oposto. As vicissitudes do tempo assim o ditaram. Apesar disto, o que marca fortemente esta fase é mesmo a instalação conventual na medina do castelo. As relações sociais, hierárquicas e económicas que promove com a vila são deveras significativas. Por outro lado, a assimilação, em 1526, da comenda pelo convento, desaparecendo a figura do comendador, é sintomática da afirmação da casa conventual no contexto da Ordem. Por esta razão, considerámos 1551 como *terminus ad quem* do estudo da Palmela Medieval. A tomada de posse do Rei sobre o convento, seguida à morte do Mestre D. Jorge, marca indelevelmente uma mudança face ao período medieval, entrando, a nosso ver e definitivamente, Palmela na Era Moderna.

5. ESTRUTURAS

Sobre a hierarquia da Ordem de Santiago presente em Palmela, a sua análise divide-se entre os aspectos relacionados com o convento e a sua comunidade de freires–priors, sub-priors, celeireiros, freires, cavaleiros, noviços, moços do coro, serventes – e aqueles outros relativos à comenda e aos oficiais da Ordem – com destaque para comendadores e alcaides-mores – que a geriam, entendendo que se tratam de duas dimensões institucionais distintas e que só a partir de 1526 se assumirão como uma só.

Uma vez que este esforço de síntese a tal obriga, permitimo-nos destacar apenas alguns aspectos. Em primeiro lugar a evolução da própria sede conventual, que acompanha os ritmos da reconquista cristã e cuja implantação local está em boa medida por explorar em Alcácer do Sal e, sobretudo, em Mértola. Depois, perceber que a orgânica conventual interna não é imutável ao longo dos séculos e que difere, por exemplo, de Alcácer para Palmela – não obstante os dados embrionários de que dispomos para a vila sadina. Por outro lado, perceber que, sobretudo durante o Mestrado de D. Jorge, há uma preocupação em manter os quantitativos humanos estáveis,

promovendo o que apelidámos de senhoriação do convento, favorecendo o Mestre a inclusão de indivíduos ligados à sua Casa Senhorial. Destacamos também as bases geográficas de extracção dos freires conventuais, onde aparenta privilegiar-se uma matriz local, com destaque para as vilas de Palmela e Setúbal.

Quanto à comenda, ao nível do espaço parece-nos existir uma ingerência da Ordem na formulação do núcleo urbano e uma monopolização do património urbano e rural. Relativamente à sua hierarquia, assistimos, na cúpula, a um interessante fenómeno já no século XV, de acumulação da comenda com a alcaidaria-mor por parte, claramente, de Antão de Faria e de Francisco de Faria e, possivelmente e anterior a ambos, de Nuno da Cunha, todos eles cavaleiros da Casa do Rei.

Sobre a gestão do património fundiário, a partir, sobretudo, da década de 1530, ocorre um fenómeno de alienação do mesmo por parte da Ordem de Santiago, procurando assim financiar-se no imediato para fazer face a um período de relativa debilidade financeira, em contraponto com um simultâneo processo aquisitivo por parte de outras casas religiosas.

Quanto ao concelho, destacamos a permeabilidade entre os oficiais do município e a Ordem de Santiago. Muitos deles são referidos como escudeiros ou cavaleiros da Casa do Mestre e, desde logo, fiéis à milícia. Alguns cumprem um verdadeiro *cursum honorum* na construção de uma carreira política alicerçada quer no património que detinham quer na efectiva ligação à Ordem de Santiago.

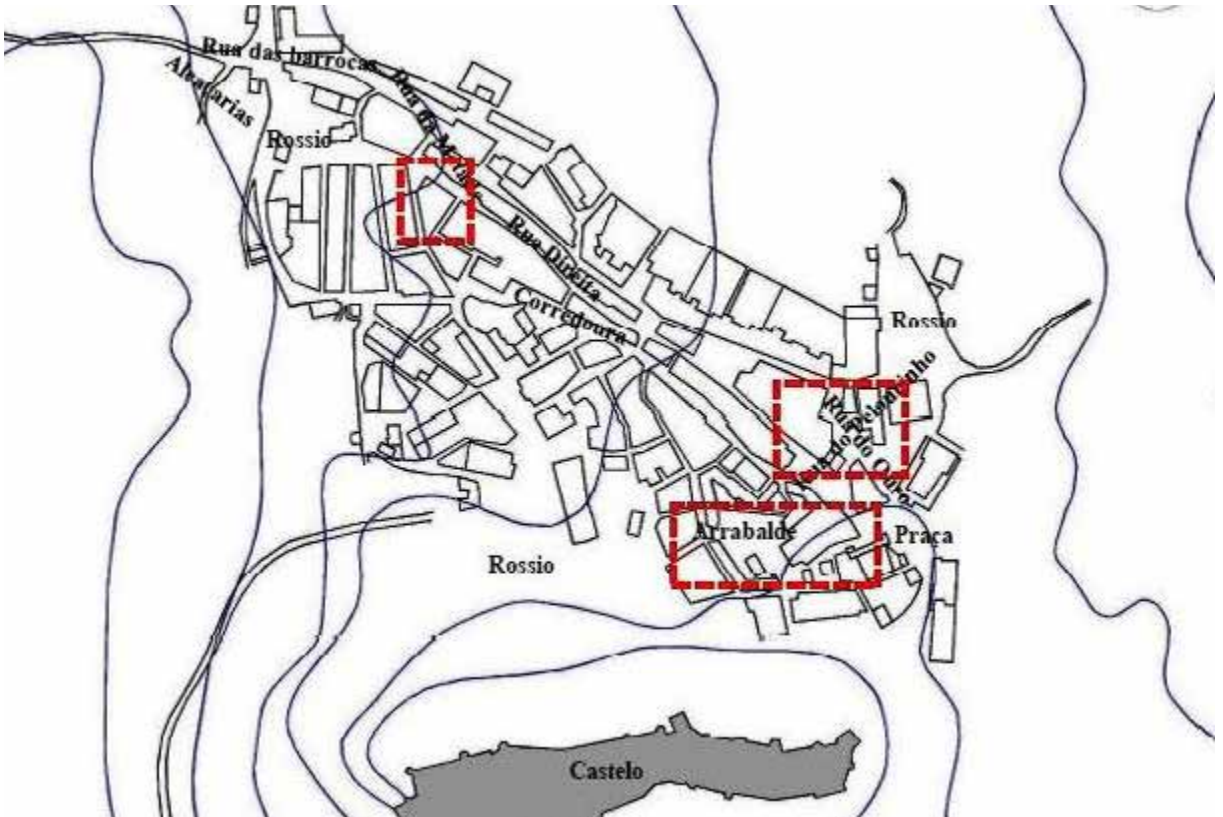
Relativamente à Coroa, parece quase omissa em Palmela ao longo destes quase 4 séculos de História. Salvaguardam-se as doações territoriais e jurisdicionais feitas ainda nos séculos XII-XIII e algumas determinações judiciais, sobretudo em matéria criminal e já no século XV. O seu papel passaria sobretudo pelo de fiel da balança na interação entre a Ordem de Santiago, o Concelho e outras instituições.

Por último, há toda uma série de relações que se estabelecem entre Palmela/concelho e Palmela/comenda, quer civis, como sejam aquelas com os concelhos vizinhos, onde enquadrámos, também, Lisboa, quer eclesiásticas, sobretudo com as casas religiosas de Santos, S. Vicente de Fora, Gafaria de Almada, Convento de S. Paulo de Alferrara, Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Azeitão e o Convento do Carmo de Setúbal. Destas últimas, destacamos a acumulação de património nos meados da centúria de XVI, constituindo autênticos feudos em território anteriormente monopolizado pela milícia. Das relações interconcelhias destacamos a conflitualidade latente com Setúbal ao longo de toda a Idade Média, e que se prolonga pelo século XVII em diante, claramente advinda da autonomização da vila sadina em 1343 e que influencia, parece-nos, a própria relação de cordialidade entre Palmela e Sesimbra, vila que tinha também com Setúbal várias contendas.

6. CONCLUSÕES

Em suma, podemos sublinhar algumas constatações que nos parecem ter ficado claras ao longo destes anos de investigação:

- A existência de um modelo urbanístico da Ordem de Santiago na vila de Palmela, modelo este que, para além de constranger o desenvolvimento da tessitura urbana, permite ordenar as relações sociais, políticas, económicas e religiosas na vila – as localizações da mouraria e da judiaria parecem ser um reflexo desta política urbanística;



Zonas de implantação das comunidades judaica e muçulmana

As delimitações do final da rua Direita e rua do Ouro, correspondem à Judiaria (em diferentes períodos); no Arrabalde, situava-se a Mouraria.

- A clara percepção de uma monopolização do território por parte de Ordem de Santiago, processo este que passa pelo controlo das estruturas políticas e económicas, constrangendo os processos de ascensão social e daí resultando um claro apagamento da acção da Coroa e da Diocese de Lisboa e impondo restrições à acção do concelho;

- No mesmo sentido, revelou-se óbvia a permeabilidade entre a oligarquia local e a milícia espatária, assim como o recurso ao recrutamento local por parte da Ordem, sobretudo para o provimento da sua comunidade conventual religiosa e leiga;

- Resulta também clara a necessidade de estudar os processos de acumulação de património fundiário e da sua posterior alienação por parte da Ordem;

- Importa igualmente desenvolver estudos sobre a evolução morfológica e a percepção dos usos da medina e da alcáçova do castelo, cujas conclusões actuais são claramente deficitárias. Neste contexto, há que estudar a construção urbana da vila baixa de Palmela, sobretudo o seu centro vital e o novo bairro de S. Sebastião;

- Por fim, parece-nos fundamental aprofundar o estudo das comunidades da Ordem em Alcácer e Mértola, no sentido de percebermos a mobilidade dos membros da milícia, sobretudo em função do nomadismo da casa conventual, e assim construirmos também uma melhor visão da hierarquia dos lugares no universo da milícia espatária.

João Costa
CHAM, Centro de Humanidades, NOVA FCSH
CEH, Universidade Nova de Lisboa
O autor não segue as normas do Acordo Ortográfico em vigor

Referências Bibliográficas:

COSTA, João, Palmela nos Finais da Idade Média. Estudo do Códice da Visitação e Tombo de Propriedades da Ordem de Santiago de 1510, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à NOVA FCSH, 2010
COSTA, João, Palmela. O espaço e as gentes (séculos XII-XVI), Lisboa, Tese de Doutoramento apresentada à NOVA FCSH, 2016
FERNANDES, Isabel Cristina, O Castelo de Palmela, do Islâmico ao Cristão, Lisboa, CMP/Colibri, 2004

Em destaque...

A ESTAÇÃO, INICIAMOS VIAGEM

A Estação – Museu Municipal, em Pinhal Novo, inaugurou no passado dia 1 de junho – data em que se assinala o Dia do Concelho de Palmela. Trata-se de um novo espaço museológico que resulta da celebração de um contrato de sub-concessão vinculado entre o Município e a IP Património, em 2017.

Subordinado à temática do caminho-de-ferro, é fruto de um longo projeto de investigação. Já em 2003, havia sido lançada a publicação «Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo - Para a História da Vila e da Comunidade Ferroviária», que compreende a recolha de património imaterial a antigos ferroviários.

O Museu, instalado na zona central da antiga Estação Ferroviária de Pinhal Novo, datada de 1935, trata sobre a evolução da ferrovia, do ponto de vista da construção das linhas férreas, da energia de tração, das ferramentas e equipamentos utilizados ao longo dos tempos. Possui uma área dedicada à Torre de Sinalização e Manobra Ferroviária, projetada por Cottinelli Telmo, elemento icónico do património ferroviário português, e ao próprio arquiteto que a desenhou. Neste local, realçam-se igualmente as estações ferroviárias desta localidade, do século XIX ao XXI.

Dispõe de uma área central com pequenos filmes que abordam a cultura local e o desenvolvimento deste território, a partir também da presença dos chamados «Caramelos» - trabalhadores rurais vindos da Beira Litoral -, ou dos Círios seculares que continuam a cumprir a sua tradição. As diversas profissões ligadas à ferrovia têm destaque na zona «Ser Ferroviário».

A maioria das peças em exposição foram cedidas por Manuel Ribeiro e por Rafael Augusto Rodrigues (1923-2020), embora incorpore na narrativa peças de



várias coleções particulares de antigos ferroviários ou seus familiares, que querem, aqui, deixar o seu testemunho e contributo.

Na Gare, abordamos a energia elétrica e é-nos possível observar, ainda que de longe, a torre de Cottinelli Telmo.

Em Portugal, a arte da azulejaria foi adotada na decoração de estações ferroviárias com fins educativos e turísticos, resultando em propostas de grande riqueza artística. Pinhal Novo não foi exceção e, na visita a este espaço, é possível contemplar os 25 painéis de azulejos produzidos na Fábrica de Cerâmica Constância – posteriormente denominada Faiança Battistini - que decoram o exterior da fachada do edifício, desde 1938.

Pintados pelos artistas Francisco Branco Pinto e João Rodrigues, a partir de fotografias e desenhos de inícios do século XX, evocam, em tons de azul e branco, a região da Arrábida, e integram vários painéis da grande herdade de Rio Frio.

O Museu dispõe de audioguias para que este percurso possa ser realizado de forma autónoma e acessível a diversos públicos.

O número de visitantes tem superado todas as expectativas, o que confirma a premência de um espaço desta natureza no Pinhal Novo.

Para além das visitas a realizar de forma autónoma e para grupos organizados, promovemos a iniciativa «No meu Tempo...», a decorrer um sábado por mês. Tratam-se de visitas orientadas por antigos ferroviários, a partir da sua experiência de vida e do seu conhecimento profissional.

Estamos, todos os dias, a construir um Museu fortemente vocacionado para a comunidade local, procurando ser casa das suas memórias e partilhas. Procuramos, também, ser um espaço cada vez mais inclusivo. Para além dos audioguias com audiodescrição para pessoas com deficiência visual e em língua gestual portuguesa, dispomos de placas em braille e objetos táteis permitindo que a coleção seja dada a conhecer a todos os que nos visitam. Estamos a construir, com todos, um Museu para todos!



José António Carvoeira, antigo chefe da Estação de Pinhal Novo (Fotografia de Carlos Camilo)

Ana Bichinho
Teresa Sampaio
Museu Municipal de Palmela

Em destaque...

EXPLORAÇÃO À SERRA DO GERÊS, 1882

«Quando algum forasteiro se ocupa das suas viagens nas diversas províncias de Portugal, raras vezes se descuida, ou se esquece das belezas da serra do Gerez, que admirou ou deseja admirar» (Torres, 1883, p. 259).

Entre as duas viagens exploratórias em terras africanas, que realizou com Roberto Ivens (1877-1880 e 1884-1885), as quais os elevaram a beneméritos da Pátria, Hermenegildo Capelo participou em duas explorações científicas em Portugal continental, ambas também sob o selo da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL).

A primeira, que Hermenegildo dirigiu juntamente com o Dr. Sousa Martins, foi a grande expedição à Serra da Estrela em agosto de 1881, região pouco conhecida e estudada à época e, por isso, cheia de mitos e mistérios. Esta expedição foi dividida em 13 secções principais de diferentes âmbitos científicos e técnicos, cada uma dirigida pela elite da sua área respetiva. Apesar de ter durado apenas dezanove dias, é considerada, até aos dias de hoje, a maior e única na concentração multidisciplinar de cientistas, especialistas, médicos, pessoal de apoio e meios no nosso país, que envolveu cerca de 100 participantes. Teve como objetivo a construção dum observatório meteorológico, de forma a comprovar a influência da altitude e clima local no tratamento da tuberculose, a fim de, mais tarde, se instalar uma estância sanatorial.

A segunda, em setembro de 1882, contou apenas com o Dr. Leonardo Torres, que também participara na expedição anterior na secção de Medicina, e Hermenegildo Capelo, a convite do primeiro. O relatório desta expedição, escrito por Torres, foi apresentado nos Boletins da Sociedade de Geografia de Lisboa n.º 6 e n.º 11, 4.ª série, de 1883.

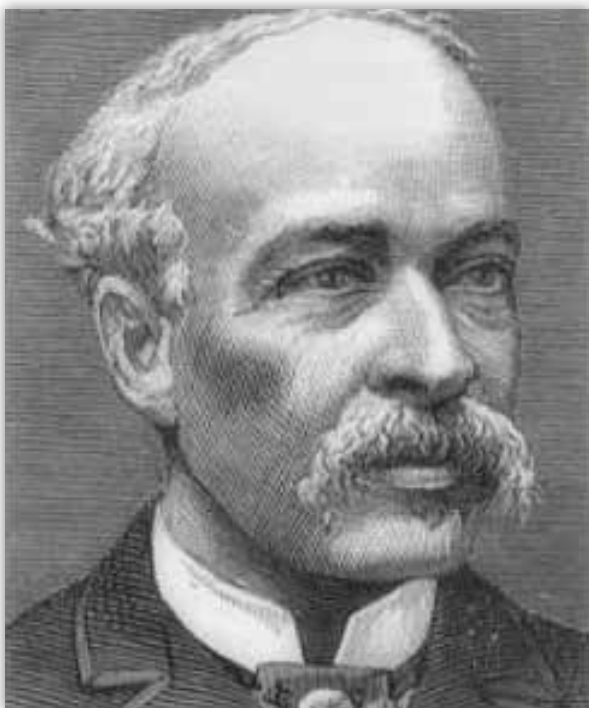


Leonardo Torres (09/02/1845 – 09/04/1894), O Occidente, vol., XVII, n.º 556, p.136, 1894

Após o estudo dos vários trabalhos já efetuados na região, parte dos quais transcreveram no referido relatório, decidiram dedicar-se, no terreno, ao «estudo da climatologia, e aguas potáveis»¹ do Gerês, que tinham a fama da cura das doenças do fígado. Capelo foi convidado por Torres «a principiar o desbravamento da questão no campo da meteorologia»² tornando-se, assim, o pioneiro nestes estudos na região.

No dia 7 de setembro de 1882, pelas 20h00, partiram de Lisboa, de comboio, rumo a Braga, onde chegaram pelas 11h00, no dia seguinte. Hospedaram-se no Hotel do Parque, no Bom Jesus do Monte, e logo nessa tarde montaram um laboratório *fac-símile*, para o trabalho que desenvolveram nos cinco dias que ali permaneceram. Torres dedicou-se «aos reconhecimentos hydrotimetricos das preciosas aguas potáveis» e Capelo «às observações meteorológicas que o tempo consentiu»³. É interessante observar, na descrição que Torres faz do lugar, a sua admiração pelo mesmo, considerando que a beleza natural, a fé, a arte e a ciência se articularam para tornar aquele lugar único, capaz de «captivar o espirito do viajante pela commodidade que a sciencia ensina e o progresso requer»⁴. Como exemplo disso, faz menção ao recém-inaugurado Elevador⁵, que consideraram agradável e económico, permitindo uma subida fácil, aprazível e surpreendente ao Monte.

Por volta das 05h00, do dia 13 de setembro, partiram rumo às Caldas do Gerês nos meios de transporte então possíveis – numa diligência e a cavalo. «De Braga ao Penedo é viagem que póde fazer-se no espaço de três horas em trem (diligência ou mala-posta) de regular marcha»⁶. Após apearem-se no Penedo, prosseguiram o caminho «no dorso de duas valentes alimárias»⁷. Mais uma vez, Torres realça o contributo da ciência e modernidade, referindo a estrada então em construção, de Braga ao Gerês, com passagem por Amares, a qual iria permitir, quando concluída, que, de carro (de tração animal),



Hermenegildo Capelo (04/02/1841-04/05/1917), O Occidente, vol. VIII, n.º 245, p.225, 1885

se diminuísse o tempo de percurso e um acesso mais facilitado a todos os que precisavam de recorrer aos tratamentos das águas medicinais das Caldas do Gerês.

Após se hospedarem no Hotel Universal, e durante seis dias, continuaram com as suas tarefas distintas, o Dr. Leonardo Torres com os estudos das águas e Hermenegildo Capelo com as observações meteorológicas, para além da recolha de espécimes de botânica⁸, algo que Capelo fazia em prol da ciência e do conhecimento desde o início da sua carreira militar.

A povoação das Caldas, descrita por Torres, era um local ainda pouco habitado, com cerca de 12 a 14 pessoas com residência permanente, exceto na «estação calmosa»⁹, em que a ela acorriam imensos enfermos. Contava já com um «notável» número de edificações antigas, com a exceção do recente *chalet* de Diniz Santiago, que financiou, neste local, o trabalho dos dois naturalistas e os acompanhou durante a sua estada nas Caldas e nas duas excursões que realizaram às serras envolventes. A construção da primeira estância termal das Caldas do Gerês só teve início em 1897, pelo que era ainda nos Poços, (tanques de granito abrigados em guaridas em pedra), mandados construir por D. João V, em 1735, que os doentes faziam os seus tratamentos. Segundo Torres, as condições existentes e falta de acompanhamento dos tratamentos eram muito preocupantes, tendo-o referido na reunião de 27 de dezembro de 1882, na SGL. Um dos exemplos mencionado era o abuso nas dosagens de água mineral ingerida, que fariam mais dano do que bem¹⁰.



Bicas e poços termais do Gerês mandatos construir por D. João V e demolidos em 1897. Autor desconhecido, S/D, edição postal da Union Postale Universelle.

A ligação do estudo da meteorologia e das águas potáveis, principalmente as mineromedicinais, era de suma importância porque era já reconhecida a influência do clima nas qualidades e características das águas. Torres já o havia afirmado após os estudos

das águas das Caldas de Manteigas e Unhais da Serra, que efetuara na expedição à Serra da Estrela.¹¹ Os estudos meteorológicos efetuados por Hermenegildo Capelo seriam, assim, «o princípio de repetidos e indispensáveis estudos»¹². Torres refere ainda que Capelo «colhia os seus dados meteorológicos com aquele cuidado, consciência e perícia que lhe são familiares»¹³.

No dia 19 de setembro, relatam a primeira excursão que fizeram à Serra, até ao marco geodésico do alto do Borrageiro. Partiram pelas 06h00, na companhia de Diniz Santiago e de dois homens locais que lhes serviram de guias e transportadores dos alimentos e do barómetro de mercúrio para as observações meteorológicas que Capelo iria realizar. Pelas 08h45, em Pedras Ruivas, observaram o *Grande Cometa 1882* «com admirável nitidez»¹⁴. Este cometa era visível a olho nu e foi avistado em diversas partes do mundo. Cerca de três horas depois, já estavam no cimo da serra e prontos para almoçar! Pelo meio-dia, Capelo fez uso do barómetro, fazendo várias medições da pressão atmosférica e ainda recolheram algumas plantas, que foram posteriormente classificadas pelo Conde de Ficalho¹⁵. Regressaram ao lugar das Caldas do Gerês, pelas 15h30.

Os últimos dois dias foram passados numa caçada, na zona de Leonte e Portela do Homem, a convite de Diniz Santiago, com um grupo de quase duas dezenas de homens locais, entre guias e caçadores, muito admirados e elogiados por Torres e Capelo. A pernoita, nessa noite chuvosa, foi num dos abrigos típicos dos pastores, chamados de fornos, e sob um penedo dada a dimensão do grupo. Durante o serão, um dos caçadores partilhou com os dois visitantes as façanhas do lobo da serra, que tolhia «a falla a quem delle se proximava descuidado»¹⁶, ao que Capelo respondeu que isso resultava da pouca coragem, talvez se lembrando do seu confronto com um leão, alguns anos antes, em África.

No seu relatório, Torres e Capelo aconselharam ainda a Sociedade de Geografia de Lisboa a organizar uma expedição científica à semelhança da que fora realizada na Serra da Estrela, por considerarem a Serra do Gerês não menos merecedora de tal investimento científico. No entanto, esta proposta não teve continuidade, provavelmente pela mesma razão que não se prosseguiu mais nenhuma na Serra da Estrela, como inicialmente previsto: os avultados custos financeiros que acarretavam.

Em 1884, e em conclusão do trabalho desenvolvido nesta expedição, Torres escreveu um manuscrito intitulado «Água Medicinal do Gerez», cuja linha de estudo foi seguida pelo médico e higienista Ricardo Jorge, o diretor clínico e um dos sócios-gerentes da posterior Companhia das Caldas do Gerez (1889-1893):

«Para além disso, também não parece ter enjeitado as prescrições de médicos mais experientes nas lides hidrológicas, como as que lhe foram fornecidas por Leonardo Torres. Este médico disponibilizou-lhe em 1884 um importante manuscrito com indicações precisas sobre o uso das águas medicinais do Gerês. Comparando as prescrições contidas nesse documento com as preconizadas por Ricardo Jorge na sua clínica, verifica-se desde logo uma grande semelhança entre ambas.» (Pinto Costa, 2017, p. 142 e 143)

Em destaque...

OUTRA VEZ OU ERA UMA VEZ?

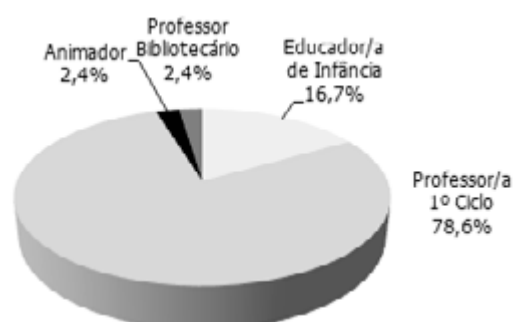
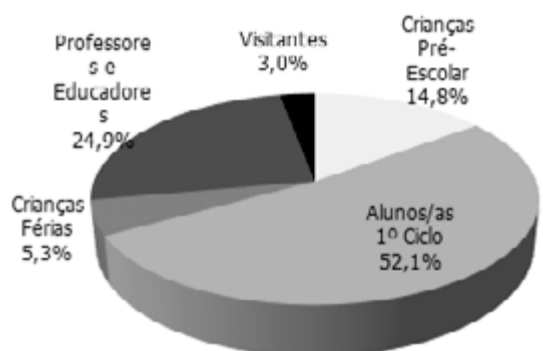
Analisar a evolução das ações realizadas a cada ano letivo, faz parte do procedimento de trabalho do Serviço Educativo do Museu e da Rede de Bibliotecas Públicas do Município de Palmela. Este artigo é o resultado da interpretação feita com base nas respostas enviadas pelo público que beneficiou das atividades, mas reflete também o ânimo da equipa e a metodologia de apreciação por nós utilizada.

Novas realidades conduziram-nos as formas diferentes de fazer e de avaliar. Os formulários de avaliação foram adequados ao formato «office forms» para que o processo da apreciação fosse mais simples, célere e acessível.

Num ano que decorreu de forma intermitente, tendo em conta períodos de confinamento e o regime de teletrabalho, a equipa teve sempre presente a necessidade de ajustes diários. A programação foi revista e adequada a diferentes cenários. Fez-se o possível, outra vez, quando a vontade era a de contar uma história, que começasse talvez por «Era uma vez ...».

Tal como em anos anteriores, foram aplicados questionários a alunas/os, professoras/es, crianças em contexto de férias e adultos, com o objetivo de avaliar a atividade desenvolvida. Este procedimento de análise do trabalho realizado inclui ainda a apreciação dos parceiros internos (outros serviços da Câmara Municipal de Palmela), externos (extensões museológicas) e a autoavaliação da equipa de Serviço Educativo. Como resultado dos inúmeros ajustes efetuados, este ano verificou-se uma redução no n.º de respostas obtidas, pelo que se opta pela análise dos valores absolutos.

Dos questionários aplicados, os professores e alunos são os que têm maior expressão. Tal como demonstram os gráficos 1 e 2.



O valor científico desta expedição ou «visita de estudo», como Torres a designou, continuou a ser reconhecido durante as décadas seguintes por outros cientistas, como o médico Fernando Santos (1904) ou o químico Emílio Dias (1929):

«Foi visitada a estância com intuitos científicos pelos Snrs. Hermenegildo Capello, Dr. Leonardo Torres, Prof. Julio Augusto Henriques, Guilherme Tait e outros.» (Santos, 1904, p. 44).
«... fôra êle próprio (Dr. Leonardo Torres) que nas Termas do Gerez, junto da bica e para frascos com reagentes de antemão preparados no laboratório, fizera a captação da água e outras operações que só na fonte podem ser executadas.» (Dias, 1929, p. 102).

O trabalho técnico e científico de Hermenegildo Capelo no campo das observações meteorológicas, embora realizado em todas as expedições científicas em que esteve envolvido, ganhou, nesta expedição, uma maior relevância, por ter sido, pelas próprias palavras de Torres, o primeiro a ser efectuado na Serra do Gerês na sua ligação com as águas medicinais.

¹ P. 259, Capelo & Torres, L. (1883) Viagem á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882 – primeira parte do relatório: Boletim n.º 6, 4.ª série, da Sociedade de Geografia de Lisboa

² P. 260, idem.

³ P. 260, idem.

⁴ P. 260, idem.

⁵ Inaugurado a 25 de março desse mesmo ano.

⁶ P. 261, idem.

⁷ P. 261, idem.

⁸ P. 261, idem.

⁹ P. 528, Capelo & Torres, L. (1883) Viagem á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882. In Boletim n.º 11, 4.ª série, da Sociedade de Geografia de Lisboa

¹⁰ P. 196, Ata da Sessão de 27 de dezembro de 1882, da Sociedade de Geografia de Lisboa

¹¹ P. 196, idem.

¹² P. 197, idem.

¹³ P. 542, Capelo & Torres, L. (1883) Viagem á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882. In Boletim n.º 11, 4.ª série, da Sociedade de Geografia de Lisboa

¹⁴ P. 530, idem.

¹⁵ P. 531, idem.

¹⁶ P. 542, idem.

Referências Bibliográficas

Ata da Sessão de 27 de dezembro de 1882, da Sociedade de Geografia de Lisboa

CAPELO, H. & TORRES, L. (1883) Viagem á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882 – primeira parte do relatório, Boletim n.º 6, 4.ª série, da Sociedade de Geografia de Lisboa

CAPELO, H. & TORRES, L. (1883) Viagem á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882. In Boletim n.º 11, 4.ª série, da Sociedade de Geografia de Lisboa

DIAS, E., As análises das águas do Gerez por Sousa Reis e Emílio Dias, in Revista de Química Pura e Aplicada, IV anno – n.º2, 1929, pp. 101-105, Porto: Sociedade Portuguesa de Química e Física. Disponível em <https://silo.tips/download/as-analises-das-aguas-do-gerez-por-sousa-reis-e-emilio-dias>. Acedido a 01 de setembro de 2021.

PINTO COSTA, Rui Manuel. Hidroterapia e empreendedorismo médico: o «feito hídrico» de Ricardo Jorge. Dynamis [online]. 2017, vol.37, n.º 1, pp.133-157. Disponível em: https://scielo.isciii.es/pdf/dyn/v37n1/07_articulo2.pdf ISSN 2340-7948. Acedido a 02 de setembro de 2021.

SANTOS, F. (1904), Subsídios para o estudo das aguas thermaes e potáveis do Gerez. (Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto, 1903); Porto: Officinas do «Commercio do Porto», disponível em <https://hdl.handle.net/10216/16674>. Acedido a 01 de setembro de 2021.

Águas do Gerês - www.aguasdogerres.pt/historia-das-termas.

O programa «Férias a Crescer» realizou, em formato online, a edição da Páscoa e, em regime presencial, a edição de verão.

Na globalidade, as respostas obtidas pelas crianças, vide gráfico 3, expressam a vontade de fazerem mais atividades ao ar livre, a vontade de conhecer outros lugares, de realizarem trabalhos manuais e brincarem com água.

O que mais desagradou às crianças foi o tempo de duração das atividades, no que se refere à «Hora do conto» desejavam que fosse mais tempo. Nas atividades em que é necessário andar a pé, ou ficar em pé, desejavam que demorasse menos tempo.

O grupo dos professores/as e educadores/as refere que preparou as atividades recorrendo à pesquisa na internet, avaliando-as com «Bom» e «Muito bom». Os visitantes que participaram na visita «No meu tempo» no novo museu - A Estação, referem que gostaram da informalidade em que a visita decorreu e enaltecem o facto de serem partilhadas memórias pessoais; os habitantes do centro histórico que, passados muitos anos, voltaram a subir ao castelo para nele passearem, avaliaram com sorrisos e palavras sentidas o facto de ali estarem. Uma das participantes, no decorrer da visita, segurou-me no braço, olhou-me nos olhos e depois fixou o olhar na paisagem convidando-me a olhar também, e disse «este [terraço sul] é o meu lugar favorito. Adoro ver fotografias de noivos tiradas aqui. Estou muito feliz. Esta noite vou sonhar com isto» (Violante). São momentos como este que nos preenchem e dão significado ao serviço que prestamos.

A incerteza dos dias, as novas regras, as medidas a adotar, os planos de contingência, a (in)certeza de viver um dia de cada vez, contribuíram para que a metodologia mais utilizada para fazer a apreciação do ano letivo 2020/21, fosse a observação. Foi o que a equipa mais fez. Observou e participou. Agiu. Ajustou. Abandonou. Adequou práticas de trabalho, atividades, materiais, formas de pensar, de comunicar, de estar e de fazer. Foi inevitável não comparar o ritmo de trabalho e as formas de fazer com anos anteriores. Imaginámos que o decréscimo de público fosse drasticamente acentuado mas 8.168 pessoas beneficiaram da ação do Serviço Educativo.

Nos últimos dois anos, no total, a ação do Serviço Educativo contemplou:

2019/20 – 5066 participantes | 2020/21 – 8168 participantes

Nasceram atividades novas, das quais destacamos a hora do conto online com Língua Gestual Portuguesa e que, entre os meses de fevereiro a julho de 2021, contou cerca de 14 550 visualizações. Realizámos também a hora do conto através da plataforma zoom, para mais de 3000 alunos.

Fomos às escolas com oficinas de cultura local, recursos pedagógicos e Hora do Conto. Cumprindo as orientações em vigor da saúde pública, recebemos visitantes. Repetimos várias vezes a mesma atividade para que mais pessoas pudessem beneficiar. Fomos resistentes, resilientes e assumimos sempre a postura de que a #culturaésegura porque tal como diz Edgar Morin «o destino da humanidade é desconhecido, mas



sabemos que o processo de existir modifica-se» ii.

Demos primazia à proximidade (mesmo que aos quadradinhos e em plataformas digitais), à empatia, às relações humanas. E, para mim, mais do que saber quantos visitantes tivemos no total ou quantas atividades foram realizadas, importa sentir que fomos capazes de fazer acontecer. Superámo-nos fazendo aprendizagens gigantes em períodos de tempo curtos, mas intensos. Em conjunto. Cooperando. Foi mais um ano desafiante e desgastante, sobre o qual não conseguimos ainda medir o impacto.

As pessoas querem que continuemos. Referem que podemos voltar a «convidar seniores da vila para partilhar as suas memórias, sobretudo nas ruas do centro histórico. Para além da atividade se tornar mais dinâmica e interessante, permitiria também a participação ativa das pessoas com mais idade e era uma forma de dinamizarem a intergeracionalidade» iii.

Cumpra-se o alargamento de públicos mantendo por perto os que já consideramos «nossos». E esses são os que mais nos ajudam a melhorar quando expressam que iv «o espaço precisa de ser renovado no exterior» e «Desejo que esta parceria se mantenha e consolide, abrindo novas possibilidades de trabalho nas comunidades educativas do concelho»; ou «a duração da atividade deve ser alargada»; ou que «a visita ao castelo podia ter sido mais curta»; mas «a alegria dos alunos em se deslocarem à Biblioteca em época de pandemia e das restrições em frequentar este tipo de espaços e o empenho dos dinamizadores da atividade em agradar as crianças, apelando à participação, liberdade, comunicação, colaboração, conhecimento, arte como forma de expressão.», ajudam-nos a ganhar fôlego e a ter vontade de continuar.

Sandra Abreu Silva, Animadora Sociocultural
Coordenadora do Serviço Educativo do Museu e Biblioteca do Município de Palmela



i Concluídas as obras de qualificação e acessibilidade, ao monumento, foi intenção do Museu Municipal convidar os habitantes mais próximos do castelo, para que através de um passeio sentissem que este lugar continua a fazer parte da sua história de vida. O que poderia ser uma visita orientada pelo Museu Municipal, traduziu-se em momentos de conversas felizes, de resgate de memórias, de partilha de sentimentos e opiniões.

ii In, <https://pt.linkedin.com/pulse/wall-e-e-complexidade-um-tributo-aos-100-anos-de-edgar-carlos-legal>

iii excerto retirado de uma das fichas de avaliação.

iv excertos retirados de fichas de avaliação.

Património Local...

Inclusão e acessibilidade patrimonial

Equidade, inclusão e acessibilidade são palavras cada vez mais presentes no nosso quotidiano. Felizmente! É um caminho que vamos trilhando no Museu Municipal, nesta missão de preservar, valorizar e divulgar o património cultural que é de todos, comunicando de forma clara e acessível a nossa herança cultural. Não o fazemos sozinhos; temos contado com o imprescindível apoio da Associação Bengala Mágica¹, que nos orienta e que connosco está em campo.



Este ano decorreram duas visitas inclusivas, que contaram com a participação de cerca de 60 pessoas, entre adultos, jovens e crianças. Em Maio, integrada no Arrábida Walking Festival, primeiro festival de caminhadas que dedicou a sua primeira edição ao património arqueológico da Arrábida; e em Setembro, no âmbito das Jornadas Europeias do Património, em plena época de vindimas, através de uma visita às vinhas e adegas da Quinta da Invejosa, no Poceirão.

A visita «Grutas Artificiais do Casal do Pardo – Um espaço simbólico» (Quinta do Anjo, Palmela), integrada num percurso pedestre pela natureza, foi desenhada para pessoas com Deficiência Visual (DV). O toque foi elemento essencial, quer nas Grutas propriamente ditas, quer no espaço natural envolvente. Uma viagem que desafiou os sentidos e desvendou a história deste lugar de vida e de morte, a sua funcionalidade, arquitectura e os seus rituais.

Em Setembro, com «O Património na palma da mão, e não só...», realizámos a visita à Quinta da Invejosa que iniciou com a exposição itinerante «De Palmela ao Poceirão. Uma viagem arqueológica», que aí está patente. Foram exploradas as cinco peças arqueológicas que lhe deram origem, e que contam a história milenar da ocupação humana do território de Palmela. Todos os participantes foram vendados para que pudessem activar os outros sentidos, que não a visão. As peças passaram pelas mãos de cada pessoa, que procurou, a partir da história que lhe estava a ser contada, reconhecer-lhes a forma, a textura e a função. Esta pretensa viagem que nos fez recuar cerca de 300 mil anos, culminou com um percurso pela vinha e pela adega, como forma de sublinhar a ruralidade e a singularidade da paisagem cultural de hoje, marcada pelo saber-fazer da uva ao vinho.

O património ganhou vida, provocou emoções e construiu memórias em cada um de nós.

«O facto de eu ter declarada uma deficiência visual de 95%, ainda me permite ver alguma coisa com

os olhos, nomeadamente distinguir o claro do escuro, conseguir perceber a distinção entre a noite e o dia... Isso não me inibiu de pedir uma venda, porque achei que a experiência tinha que ser total. Aquilo que me fez confusão - e isto também para vocês perceberem que não foi só às pessoas sem deficiência visual que vocês deram uma lição - (...) [foi a possibilidade] de perceber as pessoas que não conseguem ver o que eu vejo, as pessoas que nasceram com cegueira, e isso fez-me valorizar de facto essa cegueira que eu não conheço. Por isso mesmo muito obrigada por esta experiência. E espero voltar a outras.» (Sónia Santos)

«Foi a primeira vez que experimentei estar de olhos vendados, e esta experiência sensorial foi incrível porque trouxe-me algumas memórias da infância, quer do pisar das uvas, dos cheiros da produção e do tratamento do vinho mas, mais do que tudo, foi o facto desta experiência ... pôr-nos na pele do outro.» (Maria de Fátima Silva)

Os nossos parceiros foram decisivos para o sucesso de ambas as iniciativas. O nosso agradecimento estende-se, naturalmente, à Biotrails² e à Filipe Palhoça Vinhos³.

Michelle Teixeira Santos e Ana Margarida Bichinho
 Museu Municipal de Palmela
 As autoras não seguem o Acordo Ortográfico em Vigor



¹ <https://bengalamagica.pt/>

² <https://biotrails.pt/awf>

³ <https://www.filipepalhoca.pt/>

Património Local...

Debater e valorizar a História militar medieval

O Município de Palmela viu a sua candidatura a associado coletivo da AIHM - «Associação Ibérica de História Militar (Séculos IV-XVI)», ser aprovada no dia 10 de setembro, na 7ª Assembleia Geral da referida associação. Esta adesão celebrou-se da melhor forma, com a organização conjunta (GEsOS – AIHM) de um colóquio sobre o tema «Recrutamento e Organização Militares na Península Ibérica (séculos IV-XVI)», que teve lugar no Cine-Teatro de S. João, em Palmela, nos dias 10 e 11 de setembro de 2021.

A Associação Ibérica de História Militar, criada em 2015, tem sido dirigida pelos professores João Gouveia Monteiro (Universidade de Coimbra) e Francisco García Fitz (Universidade de Extremadura). Conta, como associados, professores universitários e dos vários níveis de ensino, militares dos vários ramos das Forças Armadas, estudantes de mestrado e doutoramento e investigadores independentes. Tem como principais objetivos promover estudos de história militar entre os séculos IV a XVI, em especial da Península Ibérica, organizar reuniões científicas sobre esta temática, estimular projetos de investigação e publicações conjuntas, colaborar com outras associações congéneres, nacionais ou estrangeiras. Desde a sua criação, organizou, em média, dois colóquios anuais, em várias cidades portuguesas e espanholas, publicou quatro obras, criou a revista eletrónica E-Strategica, de que se editaram três números, e instituiu o Prémio dos Jovens Investigadores com o patrocínio do Banco Santander-Totta. Tem vindo a granjear grande prestígio nacional e internacional.

O colóquio de 10 e 11 de setembro reuniu um grupo significativo de comunicantes, na sua maioria jovens, que partilharam com os assistentes as novidades das suas pesquisas e proporcionaram interessantes debates. O evento integrou uma conferência de encerramento pelo presidente da direção da AIHM, João Gouveia Monteiro e a apresentação do estudo vencedor da III edição do Prémio Jovens Investigadores, da autoria de Ekaitz Etxebarria Gallastegi, doutorado em História pela Universidad del País Vasco. Compreendeu ainda a apresentação de duas obras colectivas, publicadas pela editora La Ergástula: «Fechos de Armas. 15 hitos bélicos del Medievo ibérico (siglos XI-XVI)» e «De Fusta e de Fierro», Armamento Medieval Cristiano en la Península Ibérica (SS. XI-XVI)». O colóquio terminou, na tarde do segundo dia, com uma visita de estudo ao Castelo de S. Jorge, orientada pela directora do monumento, Dr.ª Maria Antónia Amaral.

Várias das finalidades da AIHM são convergentes às do Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GEsOS), apostado desde há muito em estimular estudos e realizações em torno da arquitectura militar e de outras temáticas de história militar, partindo da motivação que lhe é fornecida pela relevância cultural do castelo de Palmela. Esta aproximação à AIHM permitirá, certamente, intensificar dinâmicas e projectos em parceria.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes
GEsOS

COLÓQUIO 
PALMELA CINE-TEATRO SÃO JOÃO



Crusade Bible, ca. 1244-45, Pierpont Morgan Library, New York, MS M. 6.18, fol. 23r

**10-11
SET. 2021**

**RECRUTAMENTO E ORGANIZAÇÃO
MILITARES NA PENÍNSULA IBÉRICA (SÉCULOS IV-XVI)**



Património em documentos...

Um mealheiro e um «tesouro» do Castelo de Palmela

Um mealheiro e um “tesouro” do Castelo de Palmela resulta do estudo de uma pequena selecção de artefactos retirada de um conjunto de mais de 30 000 objectos provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados no Baluarte Sul do Castelo de Palmela, no âmbito do projecto «Intervenção de Natureza Estrutural para Evitar Derrocadas na Encosta Sul do Castelo de Palmela», que decorreu entre finais do ano de 2018 e meados de 2019, sob a responsabilidade do arqueólogo Luís Filipe Pereira (Arqueohoje, Lda.) (PEREIRA, 2019). A escavação de quatro sondagens no interior do recinto abaluartado e junto da muralha medieval (alçado sul), permitiu identificar doze silos de cronologia medieval islâmico que estavam delimitados a sul por um muro de função indeterminada (militar ou habitacional). A construção dos silos e a ocupação habitacional desta área poderá remontar ao século IX-X, com utilização destas estruturas negativas pelo menos até final do século XII, e o abandono (encerramento e selagem) terá acontecido num curto espaço de tempo, com o avanço dos exércitos cristãos no decorrer da segunda metade do século XII e início do XIII (PEREIRA, & SANTOS, 2020:1548). Destas estruturas negativas destaca-se um silo de grande dimensão, identificado como UE [218] (ou Silo 6), com 3,17 m de profundidade, 3,45 m de largura e com o bocal com cerca de 2 m de diâmetro. (Fig. 1 a 3)



Fig. 1 – Aspecto final da sondagem 3 com destaque para os silos



Fig. 2 – Silo 6 durante os trabalhos de escavação

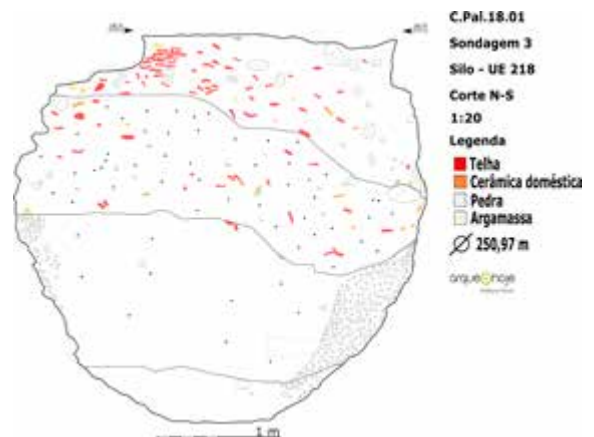


Fig. 3 – Perfil do enchimento do silo (desenho gráfico)

Do seu enchimento exumaram-se dezenas de milhares de fragmentos de cerâmica doméstica, entre os quais o mealheiro, uma forma que tem sido encontrada noutras regiões do Andalus (MARTÍNEZ, 1998:128). Os artefactos metálicos, também numerosos, contam com vários fragmentos de peças de armamento medieval em ferro, peças de adorno em bronze e um pequeno «tesouro» numismático. Os ecofactos presentes também no espólio, compreendem sementes, coprólitos, carvões e restos faunísticos (mamalógicos e malacológicos), testemunhos da dieta dos ocupantes do castelo na transição da ocupação islâmica para a cristã, tal como J. CARDOSO, & I. C. FERNANDES (2015) nos dão a conhecer.

O mealheiro (C.PAL.18.08) é uma produção em cerâmica comum, com função de uso doméstico e apresenta uma forma fechada e globular, com uma pequena ranhura, por onde se inseriam as moedas. Deriva da palavra medieval mealha e esta, provavelmente, do latim *MEDALIA*, com o significado de «moedas de cobre» (TORRES et al., 1997:133). Apresenta base em pé em bolacha, com fundo plano, pasta arenosa de fabrico fino, a torno rápido, com tonalidade alaranjada e manchas avermelhadas. Apresenta um X como marca. Em Portugal esta forma é ainda pouco comum no registo arqueológico, conhecendo-se outro exemplar enquadrado na cultura islâmica, proveniente de Silves (GOMES, 2002:43). (Fig. 4 e 5).

Património em documentos...



Fig. 4 e 5 - Mealheiro

Outro achado excepcional para o Castelo de Palmela trata-se de um pequeno «tesouro» constituído por 184 moedas medievais, provenientes do interior do silo 6, e que estavam distribuídas pelas diferentes camadas do enchimento desta estrutura. Com excepção de um numisma em bronze de cronologia romana (tardio?) que foi achado na camada [218B], as restantes moedas são Dinheiros, moedas de liga de cobre e prata (bolhão) que tinham, em prata pura, o mesmo valor das moedas almorávidas com pesos entre o quarto e o oitavo de quirate (MARINHO, 1998:182).

As moedas permitem balizar o momento de encerramento do silo 6 na primeira metade do século XIII, eventualmente a partir do reinado de D. Sancho II, e que estaria associado às profundas reformulações da fortificação tal como já apontado por I. C. FERNANDES (2004). Neste conjunto, destacamos também a presença de um fragmento de Dinar quadrangular de cronologia atribuível entre os finais do século XII e início do XIII (Almóada), que surgiu numa camada sedimentar muito revolvida e com materiais de cronologia da Idade Moderna.

De uma forma geral, os conjuntos numismáticos encontrados dentro dos mealheiros são quase sempre compostos por moedas de prata e cobre, ou seja, peças de pouco valor mas de grande circulação, sendo uma maneira de depositar o dinheiro excedente por pequenos poupadores provenientes das classes menos abastadas (e militar também), originando o aparecimento desta forma cerâmica, onde o luxo nas formas e acabamentos se destaca pela sua ausência, confundindo-se mesmo com os habituais utensílios domésticos (CORDERO, 2017).

Os artefactos contam histórias que ajudam a compreender o passado de uma cultura, a dinâmica de uma ocupação num território, a origem dos objectos e o estudo do meio ao longo da nossa história. Em suma, o papel da arqueologia enquanto ciência que estuda o passado do homem através da cultura material e imaterial, é estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, retendo um legado. Se o conhecimento não for partilhado, uma história não é contada e fragmentos do passado são esquecidos.

Luís Filipe Pereira
Arqueólogo, Arqueohoje, Lda.

(O autor não segue as normas do novo Acordo Ortográfico)

Bibliografia

- CARDOSO, João Luís; FERNANDES, Isabel Cristina F. (2015) – Contributo para o conhecimento da economia alimentar islâmica e cristã medieval no Castelo de Palmela in D’AQUEM, D’ALEM E D’ULTRAMAR. Centro de História. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Pp.289-300. <http://hdl.handle.net/10400.2/5820>
- CORDERO, Andrés F. Silva (2017) - A propósito de la alcancía medieval del museo arqueológico provincial de badajoz. Breve recorrido por la historia de los contenedores destinados a acumulaciones monetales. Museo Arqueológico Provincial de Badajoz. (consultado em 14 de Setembro de 2021 em: https://www.academia.edu/38343224/A_prop%C3%B3sito_de_la_alcanc%C3%ADa_medieval_del_Museo_Arqueol%C3%B3gico_Provincial_de_Badajoz_Breve_recorrido_por_la_historia_de_los_contenedores_destinados_a_acumulaciones_monetales)
- FERNANDES, Isabel Cristina F. (2004) – O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão. Palmela: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela.
- GOMES, Rosa Varela (2002) – Silves (Xelb) uma Cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura. Trabalhos de Arqueologia 23, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Pp. 43.
- MARINHO, José Rodrigues (1998) – A moeda no Gharb al-Andalus in Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, IPM. Pp. 175-184.
- MARTÍNEZ, Susana Gómez (1998) – A cerâmica no Gharb al-ândalus in Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, IPM. Pp. 121-131.
- PEREIRA, Luís Filipe (2019) – «Intervenção Arqueológica no Castelo de Palmela – Resultados Preliminares» in + Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela, n.º 20. Câmara Municipal de Palmela.
- PEREIRA, Luís Filipe & SANTOS, Michelle Teixeira (2020) - «A encosta sul do Castelo de Palmela: resultados preliminares da escavação arqueológica» In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1547-1558
- TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros (1997) - Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos in Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela. Pp.125-134.

Em agenda...

16 de outubro e 20 novembro | 10h00 | Museu - A Estação

MUSEU – A ESTAÇÃO | ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PINHAL NOVO

«No meu tempo...» - visitas orientadas por ferroviários

Limite de inscrições: em função das orientações da Direção-Geral de Saúde (inscrições até às 12h00 da antevéspera do dia da visita).

Informações e inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
Frequência gratuita
Org.: Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela (imagem associada)

EXPOSIÇÃO «DE PALMELA AO POCEIRÃO. UMA VIAGEM ARQUEOLÓGICA»

Exposição documental itinerante, que dá a conhecer a História sobre a ocupação humana no Município de Palmela, através de cinco artefactos arqueológicos.

A abordagem é feita através dos vestígios materiais que herdamos de um tempo longo, o da pedra lascada, dos primeiros homínidos e comunidades de caçadores-recoletores que ocuparam e exploraram o nosso território, passando pelos romanos e culminando nos nossos dias.

Org.: Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela

A partir de 16 de outubro | Biblioteca Municipal de Pinhal Novo

EXPOSIÇÃO ITINERANTE ÁLBUM DE FAMÍLIA

Mostra de fotografias recolhidas ao longo do projeto que, entre 2016 e 2019, percorreu as freguesias do concelho a identificar e registar as memórias de cada localidade, a partir de fotografias de família.

Entrada gratuita (visita sujeita às orientações da DGS e ao horário de funcionamento da Biblioteca)


Org: Arquivo, Biblioteca e Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela

PINHAL NOVO

MUSEU – A ESTAÇÃO

HORÁRIO

3a feira a domingo
10h00 às 12h30
14h00 às 18h00



Alto Estação Ferroviário de Pinhal Novo
Praça dos Mártires Santos
3100-100 Palmela - Portugal
272 384 111 | 272 388 948

Org. e Apoio ao Escudo do Museu Municipal de Palmela

MUSEU – A ESTAÇÃO

MUSEU MUNICIPAL PALMELA

Município Palmela



Espaço Cidadão, Palmela

EXPOSIÇÃO «HERMENEGILDO CAPELO, NATURALISTA»

Exposição temporária dedicada à vertente científica da obra e vida de Hermenegildo Capelo.

Entrada gratuita (visita sujeita às orientações da DGS e ao horário de funcionamento da Junta de Freguesia)

Org.: Junta de Freguesia de Palmela | Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela

Publicações...

Publicações disponíveis online sobre a acessibilidade em Museus:

Vlachou, M. (coord.) (2020). A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade: Como criar um plano de acessibilidade. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa

Disponível em formato PDF: <https://accessocultura.org/manual-plano-acessibilidade/>

Mineiro, C. (coord.) (2017). Guia de Boas Práticas de Acessibilidade - Comunicação inclusiva em monumentos, palácios e museus. Lisboa: Turismo de Portugal e Direção-Geral do Património Cultural

Disponível em formato PDF: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/guia_comunicacao_acessivel_inclusiva.pdf

Mineiro, C. (coord.) (2004). Temas de Museologia. Museus e Acessibilidade. Lisboa: Instituto Português de Museus

Disponível em formato PDF <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publicos/acessibilidade/publicacoes/>

Livros multiformato sobre património para todas as crianças:

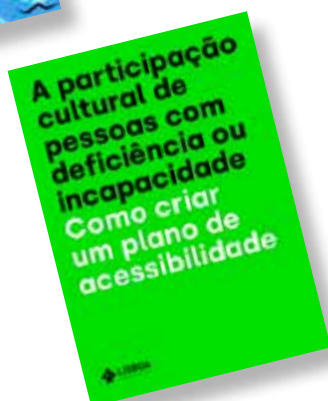
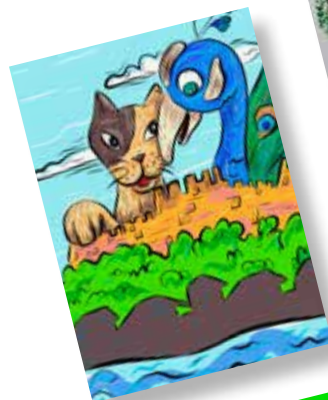
O livro multiformato tem como principal intuito chegar a todos os públicos, reunindo num único exemplar várias formas de comunicação: texto aumentado, braille, imagens em relevo, pictogramas e um código Quick Response (QR) com versões áudio e vídeo.

Sousa, C. (2019). O pavão Jorge e o gato Malhicas no Castelo de São Jorge. Leiria: Politécnico de Leiria. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Universidade Sénior da Marinha Grande (2019). Comboio de Lata. Leiria: Politécnico de Leiria. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Jardins de Infância de Reixida e Cortes e Escola Básica de Reixida (2017). A Rainha das Rosas (2017). Leiria: Politécnico de Leiria. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Para saber mais consultar o site do CRID- Centro de Recursos para a Inclusão Digital/ Instituto Politécnico de Leiria/ Escola Superior de Educação e Ciências Sociais <https://crid.esecs.ipleiria.pt/>



SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em Investigação...

Em jeito de síntese... Palmela Medieval (séculos XII-XVI)

3 | Em destaque...

A Estação, iniciamos viagem.

Exploração à Serra do Gerês, 1882

Outra vez ou era uma vez?

4 | Património local...

Inclusão e acessibilidade patrimonial

Debater e valorizar a História militar medieval

5 | Património concelhio em documentos...

Um mealheiro e um «tesouro» do castelo de Palmela

6 | Em agenda...

7 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2951-504 PALMELA

Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial: Chefe de Divisão da DBPC | Colaboram neste número: Ana Margarida Bichinho, Isabel Cristina Fernandes, João Costa, Luis Pereira, Michelle Teixeira Santos, Rute Regula, Sandra Abreu Silva

Design: Joana de Oliveira

Impressão: Traços Hábeis, Unipessoal, Lda.

Código de edição: 293/2021 (2000 exemplares)

ISBN: 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03